

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

Não creaes a todo o espirito, mas provaes se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos prophetas tem vindo ao mundo.

1.ª S. João IV, 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

II ANNO

PORTO, 16 DE JANEIRO DE 1879

NUMERO 12

AINDA O PROCESSO DE BARCELLOS

Eis o que escreveu Custodio José Vieira sobre a liberdade de consciencia na sua «allegação sobre nulidades na causa do Manoel Vieira de Sousa»:

«Quem vence, ainda que ás vezes o não pareça, não é o perseguidor, é o perseguido. Exemplo, a igreja catholica. Não o ha tão frisante nem tão estupendo. Reunem-se em volta do humil le filho do operario doze operarios, humildes como elle, e eis formada a eschola. Não está ainda bem definida a doutrina, e já todos os abusos tremem, todas as tyrannias conspiram. Principia a perseguição e apparecem os adoradores. Depois da tragedia do Golgotha; Jesus é o Filho de Deus. «*Euntes docete omnes gentes*», diz Elle aos seus discipulos; e eis-os que partem, pobres de tudo, menos da viva fé, a conquistar o mundo. Andaram n'isto tres seculos, tres seculos de desprezos, de affrontas, de oppressões e de martyrios: mas no fim tinha triumphado a mais audaz e profunda revolução religiosa, moral e social que se tem visto.

Grande lição d'aqui se colhe, e n'estas palavras se resume: é inutil a violencia, é impotente a perseguição; não convertem nem convencem, atormentam e irritam; não deshonram nem humilham, exaltam e glorificam; não caream os animos nem promovem adherencias, alienam sympathias e attraem apenas odios.

Mas dizem os intolerantes e perseguidores, que são os fieis depositarios da boa doutrina, cuja pureza inculcam, que só por taes meios se póde conservar! Monstruoso absurdo, horrivel blasphemia! Anito e Melito diziam o mesmo contra Socrates, os phariseus contra Christo, Celso contra Origines, Tacito contra os christãos, e os heresiarchas contra a igreja romana.

Não, a boa doutrina não póde ser o fanatismo, a intolerancia, a violencia, a perseguição. Nem os fins legitimam os meios. O erro não é crime, é defeito natural do homem, é fraqueza da humanidade. Deus não precisa que o vinguem: é impiedade suppol-o. E quem sois vós para irdes, sem serdes chamados, em seu auxilio? Aos impios basta-lhes cá na terra a sua cegueira. Esclarecei-os, se podeis, que Deus os punirá, se se não arrependem. S. Paulo diz: «Convém, que haja heresias.» E convém, ainda que não seja senão como contradicção e como estimulo. Debaixo d'este ponto de vista, se a fé está firme, a heresia robustece-a; se está abalada, firma-a; se adormecida, desperta-a. Não, não sois sinceros, mas se o fosseis, dir-vos-íamos (permitta-se-nos a phrase) que, querendo honrar a Deus, furiosamente o desacreditaes, e que em lugar de conservardes por tal forma a pureza da doutrina, ninguem a corrompe tanto.

Outro deploravel pretexto, outra justificação blasphema: dizem-se infalliveis! Mas protestam o senso com-

mum e a historia. E ainda que o fossem, com que direito pretenderiam supprimir o alvedrio que Deus nos deu? Será esse alvedrio um mal, será um dom funesto? Então até Deus erra, e só vós sois infalliveis! Mas n'esse caso porque temeis a disputa? Não é sempre por fim a verdade que triumphá? Ora para que ella triumphé é evidentemente necessaria a discussão, se é que nem vós mesmos ainda esclarecestes tudo, se é que vós mesmos não deixastes ainda de pensar, e a nós não nos parece que andeis tão fóra do vosso sizo que para vos arrogardes um privilegio impossivel, abdiqueis assim a gloriosa realleza do homem, arrojando á lama do desprezo o proprio pensamento, a propria razão, diadema fulgurante de reflexos divinos.

Segundo Montaigne «jamais deux hommes ne jugeront pareillement de mesme chose, et il est impossible de voir deux opinions semblables exactement, non seulement en divers hommes, mais en mesme homme à diverses heures.» Há ahí exaggeração systematica, mas a verdade é que ninguem entra em si mesmo, que não reconheça a sua fraqueza. Contradizem-se os maiores genios. Nem sempre os santos padres estão accordes. Os proprios Evangelhos differem, seja ou não essencialmente. E por ventura disse Deus já a ultima palavra? Quando? Ao entregar no Sinai as taboas da lei a Moysés? Ao enviar seu Divino Filho ao mundo para regenerar a humanidade? Ou inspirando o sagrado concilio em Trento?

Não, a igreja não pensou sempre do mesmo modo, nem podia ser, porque a verdadeira é successiva e progressiva, desenvolvendo-se provincialmente na historia, cujas diferentes epochas assignal-a com o predomínio de diferentes ideias, de diferentes principios. E ninguem se subtrahé absolutamente á influencia da sua epocha, nem os que mais cega e fogosamente a combatem. A igreja primitiva de certo se horrorisaria com a perspectiva da igreja feudal e a igreja feudal doeu-se sem duvida de que a igreja primitiva fosse tão pobre e tão mesquinha. O soberbo Gregorio VII não se parece nada com o humilde S. Pedro, e o fausto de Leão X contrasta notavelmente com a simplicidade de Christo. Não era o mosaismo religião verdadeira e inspirada? Quiz comtudo Deus que seu Divino filho prégasse e estabelecesse outra. No mesmo sermão da montanha ou das bem-aventuranças o immortal prégador diz: «Não vim destruir a lei nem os prophetas», e logo depois faz a mais profunda reforma na velha doutrina. Andam sempre em lucta a theologia e a philosophia, mas nem por isso, depois do renascimento da doutrina aristotelica e platonica, os mais orthodoxos escriptores, incluindo S. Thomaz, o doutor angelico, deixam de contaminar-se quasi completamente, ou completamente, da peste. Quando os protestantes arguem a igreja catholica de não ter professado sempre a mesma doutrina, respondem Bergier e outros, que nunca negou o que uma vez affir-

mára, ou vice-versa, e que ainda que em materia opinativa agora se cale e depois decida, não é isso sufficiente fundamento para semelhante arguição. Ha, porém em tal resposta incoherencia e sophisma. Aonde ha opiniões é inevitavel a discussão e inadmissivel a inercancia. Quem affirma o que em antes não affirmava nem negava, mulou como mu la quem passa da duvila ao convencimento, ou interpõe a sua authoridade definitiva n'aquillo a que era indifferente.

Quem são, pois, os impios, quem são os hereges: os que se inspiram do Evangelho, com os santos padres, e seguem as tradições da igreja primitiva, ou os que renegam umas e descrêem do outro, imitando, hypocritas a arderem em falso zelo, os phariseus?

Quem são os impios, quem são os hereges: os que, mansos e amoraveis, querem a fé livre e a crença espontanea prégando por isso a paz e a fraternidade, ou os que duros e cruéis, incendeiam os animos e aticam a guerra entre irmãos em nome da Divindade, que assim primeiro tornam abominavel, e a quem depois, como os Dioclecianos, obrigam a sacrificar?

Quem são os impios, quem são os hereges: os que, crentes na palavra de Christo (*docete*), confiam na efficacia da doutrina e na firmeza da religião, ou os que esquecidos da promessa do mesmo Christo, receiam que as portas do inferno prevaleçam contra a igreja, e, em vez de estenderem o manto da caridade sobre os peccadores, os delatam e lhes promovem a punição corporal?

Quem são os impios, quem são os hereges, os que proclamam a liberdade e a tolerancia em nome da consciencia e da civilisação ou os que, blasphemando, invocam a tyrannia em nome de Christo, e, profanando a Sua Sagrada Imagem, A poem diante dos olhos dos Fernandes do fanatismo, e por ella (sophisma horrivel!) exigem que, senão querem imitar Judas, não vendam aos judeus o exilio mas os entreguem ás torturas e fogueiras da inquisição?

Lê-se no Evangelho: «Muitos me dirão n'aquelle dia: Senhor, Senhor! não prophetisamos nós em teu nome, não expellimos em teu nome os demonios, e não praticamos em teu nome muitas virtudes?» — «E eu lhes responderei: Não vos conheço, porque sois iniquos.»

Argumentemos ainda um pouco. O unico laço que une o homem a Deos e o move ao cumprimento dos seus deveres religiosos, é a fé; mas concebe-se a fé obrigada?

A consciencia é um santuario aonde não entra outra tyrannia senão a do remorso. Por mais carregado que o corpo esteja de algemas, nem por isso o espirito está menos livre. Quando se acaba de esvaír a vida, desprende-se a alma incolume. Os martyres do christianismo exhalavam o ultimo suspiro entoando hymnos ao Altissimo. As fogueiras da inquisição evi lentamente queimavam, mas não convenciam. O terror pode fazer hypocritas, mas não conversos. Durante as perseguições romanas, alguns christãos sacrificaram aos Deuses para escaparem á morte, mas qual não era depois o seu arrependimento, e quantos não remiram este acto de fraqueza pelo mais edificante e sublime heroismo? *S'il est une vérité certaine, diz Nachet, c'est que la crainte, ne pouvant jamais produire que des faits, la croyance s'échappe absolument à son action. On ne tire pas des coups de fusil aux idées, a dit Rivarol, c'est par le raisonnement qu'il faut les combattre. . . Il est impossible à l'homme de croire par cela seul que la crainte ou l'intérêt le lui commande; sa conscience est au-dessus de la volonté, comme au-dessus de la loi. Libre par la nature, elle ne cède qu'à elle même. Vous contraindrez la parole à se placer sur les lèvres: jamais la pensée à pénétrer dans le coeur. La douleur ou la crainte pour-*

ront faire qu'on déclare vrai ce qui est faux; elles ne feront pas qu'on le croie. (1)

Só, pois, Deus pôde pedir contas ao homem da sua religião. A igreja ensina e persuade, mas não pune materialmente, e o auxilio do braço secular é um abuso duplo: abuso de quem o pede, e abuso de quem o dá. O snr. Alexandre Herculano, na obra já citada, diz: «Nos primeiros seculos os bispos e prelados, sendo inexoraveis em separar do gremio dos fieis os dissidentes da fé, no que, em rigor na la mais faziam do que certificar a existencia de um facto, paravam ahí, ou quando muito, davam conta ao poder secular do que tinham praticado. Na opinião de alguns, isto mesmo era uma falta de caridade, e por isso occultavam aos officios publicos a excommunhão que haviam fulminado. É certo que outros entendiam serem uteis os castigos materiaes para obstar ao progresso das heresias, e por isso instigavam os magistrados a cumprirem as leis imperiaes contra os dissidentes, as quaes, como dizemos, não eram excessivamente severas, e, se alguns exemplos restam de se impôr a pena ultima a heresiarchas, a intolerancia envergonhan-lo-se de os condemnar pelas suas doutrinas religiosas, qualificava-os para isso como cabeças de molim.»

A nós, com a devida venia, parece-nos outra a causa d'esta qualificação. A insistencia de Bergier e de outros n'ella, mostra que a intolerancia, para saciar a sede de sangue, não se envergonha de recorrer á mentira e á deslealdade. Mas, pondo isto de parte, é certo que Deus não incumbiu ninguem de punir as injurias que se lhe fazem, antes a igreja, posto que os actos contradigam as palavras, ensine que só a Deus pertence castigar o peccador, ao qual reserva as penas eternas, penas que encham de terror a alma e de confusão o espirito, penas que, se não fossem superiores, seriam pelo menos de certo eguaes aos crimes mais atrozes e horribes; penas que por isso tornariam iniqua a applicação de outras quaesquer pelo mesmo motivo; penas em fim que não deveriam mover a odio, senão a compaixão, para com o desgraçado que as tivesse merecido, principalmente áquelles que mais se prezam de sentimentos de religião e de piedade.

Evidentemente não ha fé obrigada; e se a houvesse, que merecimento poderia ella ter aos olhos de Deus?

«Para comprehender as cousas divinas é preciso amal-as», diz Pascal. Quer Deus que o amem, sim, mas verdadeira, mas sinceramente, com todo o amor do coração, da alma e da mente; *ex toto corde, in tota anima et in tota mente*. O falso amor, o amor mentido, qual o amor imposto, qual o amor forçado, não é uma homenagem, é uma farça, senão é uma injuria.

Que divindade a que se não faz adorar senão pela força, senão pela violencia?

«Viestes agora armados de espadas e de paus para me prender como se eu fôra um ladrão, disse Chris-

(1) Como assim? Tu animos rebeldes, e não adju ados a isso por algum vinculo de religião, obrigal-os a crêr o que afinadamente menosprezam e rejeitam? Tomares sobre ti de pôr impeço á liberdade do alvedrio, e deitar peias a desbocados entendimento? O que nem é possível, nem o consente o Santissimo Numen de Jesus Christo, que dos homens só requer voluntario sacrificio, não obrigado, nem de força: que nunca mandou violentar animos, mas affeição vontades, e convidal-as ao tracto do vero Christianismo. É quem ha ahí que se arrogue obrar nas consciencias o que o Espirito Santo só faz n'aquelles que não teimam resistir-lhe até o derradeiro arquejo da vida? Que é só elle quem allumia, quem acareia, quem convida; e emfim quem traz ao gremio e confissão de Jesus Christo quantos não rejeitam tamanhos dons com desagradecida pertinacia de animo. — (Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manoel, por Jeronymo Osorio, bispo de Silves, traducção de Francisco Manoel do Nascimento.)

to, e não me prendestes quando todos os dias me sentava junto de vós no templo a ensinar!» Não podia por certo haver maior offensa, principalmente seguindo-se á prisão a condemnação e a morte. Tirando, porém, S. Pedro a espada, e cortando com ella uma orelha a Malco, servo do summo pontifice, o mesmo Christo assim o reprehende: «Mette a espada na bainha, porque quem fere com a espada morrerá á espada. Pensas tu porventura que, se eu quizer defender-me, não posso fazer com que meu Pae me envie doze legiões de anjos, e mais?»

Não antecipeis, pois, a colera divina. Lembrae-vos de que, além de nem ao menos saberdes graduar a gravidade de semelhantes offensas para lhes proporcionar o castigo, commettereis uma impia usurpação.



BIBLIAS FALSIFICADAS

Como no processo, de que fizemos menção em o numero 10 da nossa folha, instaurado a pedido do Exc.^{mo} Arcebispo de Braga, contra o vendedor de biblias Manoel Vieira de Sousa, alguns padres depozeram que essas biblias eram falsas, offerecemos ao publico em geral e especialmente a S. Rev.^{ma} o seguinte artigo que nos foi enviado:

Os livros, que debaixo de juramento declararam esses clérigos *nocivos á Religião do Estado*, nada contem senão as Escripturas Sagradas, traduzidas em portuguez por um sacerdote da Igreja Romana. A Religião do Estado reconhece que «As Escripturas Sagradas contem as *palavras de Deus*,» e o Cardeal Patriarcha, em 1851, concedeu licença para publicar essa mesma traducção, como a melhor na lingua portugueza. Agora estes sacerdotes declaram que essas mesmas palavras são *nocivas á Religião do Estado*, e em 15 de junho de 1864 o Arcebispo de Braga requereu ás autoridades civis para que prendessem os mesmos livros, e aquelle que os vendia.

Não indicaram nem livro, nem capitulo, nem palavra trocála da que foi escripta pelo P.^o Antonio Pereira de Figueiredo *como o proprio sentido das palavras divinas*. E' de suppor que o teriam feito se lhes fosse possivel. Affirmaram, porém, o que é verdade, que nas Biblias vendidas pelo réo Vieira não se acham os livros de *Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, Baruch* e o 1.^o e 2.^o dos *Maccabeos*, e sobre esta falta fundaram sua condemnação do volume inteiro.

Ora, o Velho Testamento contém trinta e nove livros, que foram escriptos por inspiração divina *antes de qualquer dos sete acima nomeados*. Todos os trinta e nove acham-se nos volumes condemnados, e estão de accordo com a traducção feita pelo P.^o Antonio Pereira de Figueiredo approvada pelo Cardeal Patriarcha.

Por ventura, não merecem ser processados esses sacerdotes, pela Igreja, por sua blasphemia contra Deus e suas palavras?

Mas o volume condemnado contém mais vinte e sete livros, ou escriptos, do Novo Testamento publicados por inspiração divina, pelos Apostolos e seus companheiros. Estes todos juntamente com o Velho Testamento, ficam *reprovados pelos sacerdotes juramentados* por não estarem juntos com elles os de *Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, Baruch*, e os dous dos *Maccabeos*.

Perguntamos pois, o que são estes sete livros cuja falta prejudica tanto os sessenta e oito que são de Deus?

Convem saber-se que os trinta e nove livros do Velho Testamento foram escriptos na lingua hebraica por homens santos, inspirados por Deus. A evidencia d'este facto é tam clara, forte e ampla, que deve produzir uma certissima convicção, e absoluta certeza, no coração de todo o homem que a examinar. Existiam completos, foram traduzidos na lingua grega, seculos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. Este e seus discipulos citaram-os muitas vezes tanto do original, como da traducção grega. Fallaram das differentes partes dos livros hebraicos, da lei, dos Prophetas, e dos Psalmos, attribuindo-os ao Espirito Santo. Reconheceram a origem e autoridade divina d'estes livros. Os judeus fizeram listas dos livros divinamente inspirados; estas contem os 39 e nenhuns outros.

As igrejas christãs nos primeiros seculos fizeram igualmente catalogos dos livros sagrados, que contêm na lista dos livros do Velho Testamento, os 39, e nenhuns outros.

Estes 39 livros repetem muitas vezes as palavras «Isto diz o Senhor.» Professam conter o depoimento de Deus. As prophcias com seu cumprimento provam que foram escriptas por ensino d'Aquelle que prevê, e pôde predizer o futuro. Seu contheudo é digno do Creador, e quanto mais sabemos da evidencia, tanto mais inabalavel se torna a convicção de que os 39 são de Deus.

Em quanto porém aos sete livros de *Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, Baruch* e os dous livros dos *Maccabeos*, nem Jesus nem os Apostolos os citaram attribuindo-lhes autoridade alguma. Os judeus não os tiveram na lista dos seus livros sagrados. Nenhuma igreja christã os inclue na lista dos livros inspirados por 1:500 annos depois da ascensão do Salvador. Os mesmos livros nunca usam a phrase: «Isto diz o Senhor,» nem professam conter o depoimento de Deus. Pelo contrario no 2.^o *Maccabeos* C. II v. 24, e C. XV, v. 38 e 39, temos expressões totalmente contrarias á idea de que foram escriptos por inspiração divina.

Em vista d'estes factos, que ninguém pôde refutar, custa achar palavras com que intitular o proceder d'esses sacerdotes juramentados, que declararam prohibidos e condemnados os 67 livros divinamente inspirados, por não se acharem juntos com elles os sete livros, dos quaes nem Jesus, nem os Apostolos, nem as igrejas christãs, por 1:500 annos tiveram como inspirados.

UM QUE EXAMINOU.



O PURGATORIO

(TRADUZIDO DO FRANCEZ)

O mundo está dividido em tres religiões: a religião de Satanaz, que conduz ao inferno; a religião do papa, que leva ao purgatorio; a religião de Jesus que dá o paraizo.

Satanaz nos diz: Fazei o mal.

O papa nos diz: Comprai-me a remissão dos vossos peccados.

Jesus nos diz: Eu vos perdôo os vossos peccados.

Examinemos cada uma d'estas tres religiões.

A religião de Satanaz offerce algumas horas de prazer por uma eternidade de soifrimentos.

Não digo que o peccado não seja doce ao presente; mas sabeis que seu resultado é o remorso, e um dia conhecereis que elle não fica sem castigo! Desfrutai-o durante um, dez, vinte, cem annos, se poderdes; mas lembrai-vos que vos ha-de-custar dôres eternas. Já vêdes, portanto, que a religião de Satanaz é a religião do inferno.

O papa tem por sua religião o purgatorio.

Tudo vae dar no purgatorio; as missas do padre tiram as almas do purgatorio; as indulgencias do papa abreviam o purgatorio; os merecimentos dos santos dispensam do purgatorio; as penitencias dos fieis pagam a divida do purgatorio; os nossos peccados alongam, e as nossas boas obras encurtam o nosso tempo do purgatorio. Portanto o purgatorio é o centro da religião papal.

Que Satanaz nos pregue o inferno, comprehende-se; elle gosta do mal. Mas porque nos prega o papa o purgatorio? É porque gosta de dinheiro.

Toda esta crença é uma especulação. Os peccados se resgatam por penitencias; as penitencias commutam-se por missas, e pelas missas se pagam quinhentos reis. Estas transacções são variaveis, mas todas tendem ao dinheiro; de sorte que esta diversidade de formas não tem em vista senão melhor dissimular o resultado final e sonante. Se quereis peccar impunemente, jejuai e comei peixe. Se não quereis comer peixe, tirai uma dispensa; e se quereis a dispensa, dai dinheiro. Tendes desejo de commetter o grande peccado de vos casar com vossa prima?—dai dinheiro. Quereis por uma missa tirar vosso pai das chamma do purgatorio?—dai dinheiro. Desejais que uma Ordem vos dispense de orar, orando por vós?—dai dinheiro. O peccado, eis o principio; o dinheiro, eis o fim. Entre os dous põe-se penitencia ou missa, jejum ou novena, esmola ou reliquia. Segundo os gostos de cada um, qualquer d'estes ingredientes pode ser trocado pelo outro:—a reliquia pela missa, o jejum pela penitencia, a novena pelas esmolas; mas nenhum d'estes equivalentes chemicos da igreja pode fazer desaparecer o dinheiro, em quanto que o dinheiro os pode fazer desaparecer todos.

Por exemplo, dei a vosso confessor que vosso estomago não supporta o jejum, elle de boa vontade o substituirá por vinte rosarios. Mas pedi-lhe que aceite vinte rosarios em pagamento de uma missa de quinhentos reis, e tende a certeza que elle regeitará. Lembrome de ter lido n'um folheto publicado pelo bispo de Marselha, por occasião de um jubileu, que as penitencias que elle impunha podiam ser trocadas umas pelas outras, e todas ellas substituidas por uma ultima, mas essa ultima não podia ser substituida por nenhuma: não era nem mais nem menos do que uma ddiva para o pequeno seminario: ainda o indispensavel dinheiro.

Quereis convencer-vos que o purgatorio é a gallinha de ouro do papa e dos padres? Escutai:—

Elles para alli enviam quasi todo o mundo, fazendo crer que todo o mundo vai para lá. Mas antes de dizerem a vossa missa por tenção de um parente, acaso vos perguntam qual fôra a conducta d'esse parente, para saberem se está no inferno, ou no paraíso? Nunca! Entretanto, se elle está no inferno, para que tiral-o de um purgatorio onde nem entrou? E se está no paraíso, como tiral-o de um purgatorio d'onde já sahiu?

Pedi uma missa a um padre, não para vosso pai, mas para o mais remoto de vossos avós; dei-lhe que era um excellente christão, e que, se entrou no purgatorio quando morreu, provavelmente já deve ter sahido, pois são passados dez seculos; o padre vos responderá que o mais certo é mandar dizer uma missa, e se quizerdes pagar duas, vinte ou cem, não vos recusará.

Dizei-lhe, ao contrario, que o defuncto era um gran-

de peccador, que matou pai e mãe, e que provavelmente está no inferno; elle vos responderá que o melhor é sempre manlar dizer a missa, e que talvez os vossos quinhentos reis o alliviem.

O padre sempre acha que o morto ainda não está no inferno, e nunca é tempo sufficiente para o suppôr no paraíso, pela simples razão de que a entrada directa do paraíso ou do inferno tornaria superfluo o purgatorio, e sem purgatorio não ha mais missa, e sem missa, não ha mais dinheiro. Por conseguinte os padres dizem as missas tanto pelo defuncto mais santo como pelo mais culpado.

A 21 de janeiro elles rogam por Luiz XVI; dai-lhes quinhentos reis, e rogarão por Robespierre. Entretanto se o primeiro é um martyr, o segundo foi um algôz; se um está no ceu, o outro está no inferno; o que não estorva que os vossos curas achem a victima e o algôz juntos no purgatorio; e, se vós quizerdes, elles dirão uma missa ao mesmo tempo por tenção de ambos.

Se conservais ainda alguma duvida, perguntai ao padre, qual a quantidade exacta de peccados que leva para o inferno. Não vol-o dirá.

Perguntai-lhe qual é a somma exacta de virtudes que é preciso ter-se para entrar directamente no paraíso. Responder-vos-ha que é impossivel determinar.

Isto quer dizer que vos deixará sempre entre o ceu e o inferno, justamente no purgatorio, pela razão clara de pretender o privilegio de vos tirar d'ahi.

O purgatorio—eis a grande prensa que sob a mão do padre cunha dinheiro; eis a alma do arranjo; o segredo do negocio; o resumo da igreja, a base da religião romana. Logo, fô com razão que disse, que a religião do papa é a religião do purgatorio.

Resta-nos agora conhecer a religião de Jesus, que dá o paraíso.

Mas apresenta-se aqui uma pergunta de passagem:—A religião do papa e a de Jesus não são uma e a mesma religião? Não, e vos dou uma prova: é que Jesus nunca fallou do purgatorio! Não! Nunca fallou sobre o purgatorio! E d'este purgatorio de que Jesus nunca fallou, os apóstolos nada disseram? Não! Nunca fallaram d'elle! A Biblia inteira não falla do purgatorio! Nem o seu nome ahi se acha! Que me mostrem em toda a Santa Escripura uma unica palavra de purgatorio, eu me torno catholico romano! Posso dar-vos outra prova de que nem o nome nem o objecto se acha na Biblia. Eil-a:—Jesus representan lo-nos o julgamento final, colloca os bons á direita de seu Pai, e os máos á sua esquerda; não põe ninguem entre os dous.

Não é já um indicio de que não existe meio termo entre a sorte de uns e a sorte dos outros? E, como para completar a demonstração, Jesus, no meio d'esta scena, diz a uns: «Vinde, benditos de meu Pai, possui em herança o reino que vos está preparado»; e diz aos outros; «Malditos, ide para o fogo eterno preparado para Satanaz e seus anjos.» (S. Mattheus XXV, 34, 41.) Ainda aqui Jesus a ninguem manda para o purgatorio. Não é uma prova evidente de que o purgatorio não existe? Posto que isto seja mais claro que o dia, citemos as palavras pelas quaes o Salvador termina esta representação do julgamento final: Estés irão para as penas eternas; mas os justos para a vida eterna.» Eis tudo. Nosso Senhor não disse que alguém irá para o purgatorio. Jesus esqueceu-se, ou não sabia?...

Quereis agora uma razão tirada do simples bom senso e não da Santa Escripura? Escutai:

Quando chegar o fim do mundo e não houver mais padres para dizerem a missa, o que será feito das almas que estiverem no purgatorio?

Não poderão pois ser soccorridas como as prece-

dentes? Como? Por não haver mais padres na terra será necessario que as almas que não puderam e não podem recorrer a elles fiquem por mais tempo nos tormentos? Ora, isto é absurdo, injusto e anti-christão!

Ontra razão.—Vós sois ricos, eu sou pobre. Mandais dizer cem ou duzentas missas por vosso pai, e sua alma sahe do purgatorio e entra no paraizo. Quanto a mim, como não posso comprar uma missa, pois que não m'a darão gratis, não a mando dizer, e meu pae fica sepultado em horriveis dôres. Logo a differença de fortuna se faz sentir até no outro munlo? Logo Deus attende ao rico, e trata o pobre com dureza? Ora, isto é absurdo, injusto e anti-christão!

Ainda outra razão:—Um scelerado morre, deixando para dizer missas a metade da fortuna que roubou; seu tempo de purgatorio será consideravelmente abreviado e, passando ao céu, será recompensado por meio do dinheiro que furtou. Ao passo que para um homem honrado, que expira de fome sobre o leito da pobreza e não teve um vintem para deixar ao seu cura, para este o purgatorio não se acaba; Deus o fará soffrer mais tempo por não ter furtado como o outro!... Digo-vos que isto é absurdo, injusto e anti-christão!

E' de tal sorte absurdo e injusto, que as razões se accumulam em meu espirito e seria impossivel apresentar-vol-as todas. Entretanto accrescentarei esta:

O purgatorio é o maior dos acoçoamentos para commetter-se o peccado. Se dizeis a um homem que fazendo o mal irá para o inferno, esta crença poderá ser-lhe salutar, e elle talvez recue diante de um castigo que durará por toda a eternidade. Mas dizei-lhe que existe um purgatorio, e que mesmo ahí se pôde abreviar o tempo durante o qual deve purgar suas faltas; este homem, desejoso de fazer o mal, torna-se animoso, pois toda a pena que tem remedio lhe parece supportavel, sendo demais compensada a seus olhos pelo gozo presente. Elle diz lá comsigo que terá muito tempo depois de sahir de seu purgatorio, para gozar um céu sem fim, e que visto não ter o peccado consequencias mais terriveis, não vale a pena privar-se d'elle!

Mas collocai este homem entre a perspectiva de um inferno que não se acabe um céu eterno; dizei-lhe que elle soffrerá para sempre, ou terá gozo sem fim; notai-lhe que não ha meio termo, que será perdido para sempre, ou para sempre salvo; então este homem horrorisado por uma eternidade de soffrimentos, ou attrahido por uma eternidade de gozos, fugirá do mal para fazer o bem. Se suas paixões o dominarem ainla, ao menos estes pensamentos de eterna felicidade ou de eterno tormento o virão exhortar para as combater; em quanto que a esperanza de um castigo de tempo limitado o deixaria a lormecer no mal e o impediria de se converter ao bem. Vê-se, pois, que o purgatorio é a religião do papa; e que a religião de Jesus Christo dá o paraizo. Eis só o que me resta mostrar-vos.

Jesus quer a salvação de todos os homens, moços, velhos, ricos, pobres, justos e peccadores, ou, como elle mesmo diz, «bons e máos.» Logo, o que fará elle para que esta salvação esteja ao alcance de todo o mundo? Pedirá missas? Não, pois os pobres ficariam perdidos. Exigirá trabalhos penosos? Não, pois as crianças ficariam perdidas. Ser-lhe-ha necessario tal ou tal numero de boas obras? Não, pois tal ou tal peccador ficaria perdido. Qual será então a condição igualmente facil de ser cumprida por todos? Jesus mesmo o diz; é unicamente confiar n'elle; unicamente consentir em ser salvo; unicamente querer entrar no céu; n'uma palavra, é seguir o conselho de S. Paulo, «Crê no Senhor Jesus Christo, e serás salvo»!

Mas é a todos que Jesus offerece o céu do mesmo modo? Não ha certo gráo de perversidade que não poderá obter o perdão?

O Evangelho no-lo vai dizer:—Á direita de Jesus, sobre a cruz estava um ladrão implorando o perdão. O que lhe respondeu Jesus? «Hoje mesmo serás comigo no paraizo.» (S. Lucas, XXIII, 43.) Que bem tinha feito este homem?

Nenhum; sómente creu em Jesus Christo, e não obstante ter sido ladrão, entrou no paraizo. Não é esse o melhor monumento da bondade divina? E se Jesus dá o paraizo a um tal homem arrepenido e crente, não o dará a todo e qualquer que tambem se arrepende e crer?

Sim, dá o paraizo, o céu, a vida eterna e feliz a todos os que se arrependem e crêm. Eis a religião de Jesus Christo.

E não julgueis que Jesus perdôa porque o peccado lhe pareça pouca cousa; não; ao contrario, é porque lhe parece tão monstruoso que só elle o pôde expiar.

Seu sangue derramou-so, Jesus morreu; e eis porque sois salvo.

O padre quer que lhe pagueis para vos livrar do inferno:—Jesus pagou por vós, e entras no céu.

O padre vos vende seu purgatorio:—Jesus vos dá o seu paraizo.

Vêde:—a quem preferis?!

Tende cuidado, ó caro leitor; as poucas paginas que acabais de percorrer poderão pesar bastante sobre a vossa eternidade!

Emquanto vós não soubestes que a doutrina do purgatorio era anti-christã e favorecia o peccado, não fostes senão meio culpado por adoptal-a. Mas hoje que a conheceis contraria á Sagrada Escripura e á moral, se ainda a seguirdes, bem se poderá crer que é porque ella deixa uma porta absolutamente aberta ás vossas paixões. Vós a seguireis a fim de poderdes fazer o mal mais á vontade? Já não é tempo! Descobristes a luz! Não podeis mais desculpar-vos sobre vossa ignorancia, hoje dissipada! Em vão fechareis os olhos! Vistes, estais condemnado! Porem não; longe de ficardes em meias trevas, procurareis novas luzes; interrogareis vós mesmo a Biblia; ouvireis Jesus Christo; consultareis os apóstolos; soprareis a luz, não com o sópro pavidos dos padres para a apagar, mas com um sópro de estudo e de oração para a restaurar.

É isto uma esperanza que represento? Ai de mim! receio bem que para um grande numero isto não seja senão um desejo!

Meu Deus! meu Deus! ao menos por um só este aviso seja ouvido!



DO FUTURO DOS POVOS CATHOLICOS

IV

(Continuado do numero antecedente)

A Reforma tem favorecido o progresso dos povos que a tem adoptado, porque lhes tem permitido fundar instituições livres, emquanto que o catholismo conduz ao despotismo ou á anarchia, e muitas vezes, alternativamente, a um e outro.

O governo natural dos povos protestantes é o governo representativo. O governo natural dos povos catholicos parece ser o governo despotico. Emquanto elles lhes ficam sujeitos, estão em paz; tem o regimen que lhes convém; quando procuram libertar-se,

cahem na desordem e se enfraquecem; estão em um estado contrario á sua natureza. E' isto o que sustentam os jornaes *L'Univers* e a *Civiltà Catolica*, orgãos da cõrte de Roma, e infelizmente os factos parecem dar-lhes razão.

Muitas vezes tem-se perguntado por que as revoluções dos Paizes-Baixos, da Inglaterra e da America tinham um bom resultado, enquanto que a revolução franceza parece ter encailhado. O snr. Guizot até publicou um escripto especial para esclarecer esta questão que contém realmente o segredo de nossos destinos.

Não hesito em responder: é porque as primeiras foram feitas em paizes protestantes, a segunda em um paiz catholico. Voltaire já o tinha visto. Pergunta a si mesmo como é que os governos da França e da Inglaterra tornaram-se tão differentes como os de Marrocos e Veneza? «Não é, diz elle, por esta razão — que, tendo-se queixado sempre da cõrte de Roma, os Ingleses tem de todo sacudido esse jugo vergonhoso, ao passo que um povo mais leviano o tem supportado affectando o rir, e dansando com os ferros?» Voltaire dizia a verdade, mas não era elle quem excitava o riso e dirigia a dansa?

Hoje podemos demonstrar até á evidencia o que sómente os espiritos de flôr começavam a entrever no XVIII seculo. A influencia decisiva que as fórmulas do culto exercem sobre a politica e sobre a economia politica não tinha sido posta em relevo. Agora brilha em toda a sua luz e se mostra cada vez mais claramente nos acontecimentos contemporaneos.

A acção que a religião exerce sobre os homens é tão profunda, que elles sempre se inclinam a dar á organização do Estado fórmulas tiradas da organização religiosa. Por toda a parte onde o soberano passa por ser o representante da divindade, a liberdade não se pó le estabelecer, porque o poder d'aquelle que falla e obra em nome de Deus é necessariamente absoluto. As ordens do céu não se discutem. Simples mortaes não podem deixar de inclinar-se e de obedecer. Não conheço excepção a esta regra. Nos antigos imperios da Asia, o nos de hoje, nos estados mahometanos como nos paizes catholicos onde os reis reinam por direito divino, o povo tem sido completamente escravizado.

Era livre em Athenas e em Roma, porque os que governavam, eleitos por seus concidadãos, não se inculcavam como representantes da divindade. O sacerdocio não era uma casta e não exercia senão pouca influencia no Estado.

O Christianismo primitivo devia singularmente favorecer o estabelecimento de instituições livres e democraticas. Sem duvida, por seus lados asceticos, destacava o homem de seus interesses terrestres e não o induzia a reivindicar seus direitos de cidadão. Mas elevando e purificando os costumes, tornava-o mais apto a se governar a si mesmo e a viver livre. No seio das associações christãs dos primeiros seculos reinava uma grande egualdade e todos os poderes emanavam do povo. A palavra e a opinião eram as molas do governo. As primitivas igrejas christãs eram verdadeiras republicas democraticas. Por isso, quando os presbiterianos, no XVI seculo, restabeleceram a antiga organização da igreja, foram forçados a estabelecer no Estado instituições republicanas.

Os defensores e os adversarios da igreja romana confundem, tanto uns como outros, o Christianismo e o catholicismo. Os que atacam o Christianismo lhe attribuem os principios, os abusos e os crimes da igreja romana, e os que defendem a igreja romana invocam os meritos, as virtudes e os beneficios do Christianismo. Erro de lado a lado. O Christianismo é favoravel á liberdade; o catholicismo é seu inimigo mortal, e

seu chefe infallivel é quem o affirma. A historia das instituições da igreja nos mostra uma marcha constante para uma concentração, cada vez maior, dos poderes. Ella partiu da democracia egualitaria e representativa dos primeiros seculos, para ir ter, no XIX seculo, pela proclamação da infallibilidade papal, ao mais absoluto despotismo que se possa imaginar. Republica democratica no principio, tornou-se aristocratica, quando os bispos estenderam seu poder sem perder sua independencia diante dos papas; ella era ainda uma monarchia constitucional enquanto os concilios exerciam a direcção suprema; hoje, realiza o ideal da theocracia e do absolutismo.

(Continua).

MOTICIARIO

Bons tempos—Contra uma folha catholica tem havido ha dias grande discussão e balburdia n'um lyceu de Italia, por causa da palavra «Deus»: se devia ir ou não ir n'um telegramma de felicitação aos *novos* hospedes do palacio apostolico do Quirinal!... Resolveu-se que não.

O catholico papel acrescenta á guisa de comentario para uso das sacristias:

«E ainda se pergunta qual a causa de irem de monte a immoralidade e os crimes na Italia *rigenerata*!»

Effectivamente, é por estas e outras que na Italia se joga a navalhada. Outr'ora, sim! outr'ora as causas mudavam de figura. Em vez de navalha socialista eram os venenos subtile ministrados em hostias ou na agubenta pelas patricias devassas em torpe concubinação com os altos dignitarios da igreja. Felizes tempos!

Educação e religião—O nosso estimado collega «O Conimbricense» depois d'algumas citações d'um opusculo sobre o socialismo, remata com as seguintes justissimas observações:

«Diz o auctor do opusculo, que o capital e instrucção hão de salvar a humanidade.

Não é sufficiente. A instrucção se fôr desacompanhada da religião, de pouco vale; e até póde haver casos em que seja prejudicial.»

Um Missionario veterano—Morreu no dia 8 de dezembro de 1877 á idade de oitenta annos, em Kobe Japão, o Revd.^o Pedro J. Gulick antigo missionario nas ilhas de Sandawch.

No dia 5 de setembro tinha celebrado com sua esposa o quinquagesimo anniversario do seu casamento, e em 3 de novembro, egual anniversario da sua partida dos Estados Unidos como missionarios ás ilhas de Sandowch.

Durante os seus quarenta e seis annos de trabalho n'aquellas ilhas, tinha visto a regeneração d'um povo inteiro. O selvagem nu e immundo, pela influencia do Evangelho trazido por estes e outros obreiros da America, tinha sido transformado em cidadão meigo e respeitador das leis. Os adoradores de imagens, de animaes, de peixes e de reptis; vieram a ser dos mais fieis entre as nações ao culto christão e á observancia do domingo. Aquelles que nada sabiam da maneira de expressar os pensamentos por escripta, aprenderam a ler e escrever, e as crianças eram instruidas nas escholhas como nos paizes mais favorecidos. Aquelles, a quem

palavra d'um chefe, os gestos d'um feiticeiro, e as paixões d'um selvagem eram a unica lei, tinham aprendido de tal maneira, pelo ensino dos missionarios da Biblia, a base de todas as leis, que lhes poderam ser confiados por todas as nações christãs os poderes d'uma soberania independente, e a vida e bens dos estrangeiros que de todos os climas chegavam ás suas praias estavam seguros sob a sua protecção e dos seus tribunaes de justiça.

Tendo presenciado o maior triumpho do Evangelho n'este seculo, estes veneraveis missionarios, que na sua longa carreira nunca visitaram a sua patria, resolveram em 1874 passar para o Japão, onde se achavam alguns dos seus filhos, e foi no meio d'elles que espirou este pae que tão bom exemplo lhes tinha dado.

Dos sete filhos que sobrevieram ao snr. Gulich, quatro—tres filhos e uma filha—estão no Japão, e dois na Hespanha. Cinco d'estes são missionarios da Meza Americana de Missões (American Board) e o outro representa a Sociedade Biblica Americana na China e no Japão.

O rei d'Italia e a alliança evangelica—No numero anterior d'esta folha, noticiamos uma eutrevista da alliança com o rei Humberto que teve logar em Napoles. Eis aqui uma carta escripta a uma folha ingleza sobre outro caso identico:

«Mando-vos uma breve noticia sobre a recepção da commissão da Alliança Evangelica (ramo romano) no Quirinal. Na manhã do dia 4 de dezembro recebeu o rei esta commissão, que era composta dos snrs. Bruce, Ribetti, Conti, Lanna, Cocorda, Fasulo e eu; o primeiro como presidente do Ramo Romano, e os mais como pastores das differentes egrejas. Assim que foram admittidos na sala de recepção, o rei dirigiu-se a elles com a maior cortezia e affabilidade, dizendo que em outra occasião tivera a intenção de receber alguns ministros evangelicos de Roma, quando lhe enviaram uma Biblia, a qual acceitou com o maior prazer: mas que aquella entrevista não pôde ter logar por não ter chegado a tempo uma carta enviada ao exc.^{mo} Mazzarella. Depois de apertar a mão de cada um, sua magestade pediu informações sobre os titulos das varias egrejas ahi representadas. Sendo-lhe referidas, disse: «Sim... ha muitos nomes differentes.» «Sim, senhor,» responderam elles, «mas o mesmo espirito e a mesma fê.» Perguntou então mais minuciosamente a respeito da obra de cada ministro, se os cultos eram concorridos, e quantos membros haviam em cada igreja. Em seguida queria saber se os membros da commissão eram italianos, e se haviam muitos ministros italianos. Sendo o sr. Bruce o unico estrangeiro, e os outros naturaes de differentes provincias da Italia, poderam affirmar que a igreja evangelica no nosso paiz, seja qual fôr a denominação, tem ministros italianos, uma fôrma italiana, e é em todo o sentido uma obra italiana. Sua magestade pediu então esclarecimentos sobre as escholas, e tendo escutado com visivel interesse, perguntou, «Mas como conseguis o dinheiro necessario para isso?» «Senhor,» responderam, «tudo depende da caridade dos nossos amigos.»

A allocução, elegantemente escripta, e n'um lindo envelope, foi então apresentada á sua magestade, o qual a aceitou com muito gosto; e ás palavras do presidente e mais membros da commissão, que manifestaram a sua devoção e affecto, respondeu agradecendo, apertando a mão de cada um, e saudando-os com amor. Nunca esquecerão elles esses agradecimentos e esse aperto de mão.

Envio agora uma cópia de carta recebida do exc.^{mo} Giovanni Lanza, o ministro que teve a honra de estabelecer a monarchia italiana em Roma. Mandou-m'a

depois de ter lido a biographia de João Wesley, que eu traduzi da obra de M. Lelièvre.

Revl.^o Snr. Sciarelli, —agradeço-lhe o estimavel livro que me fez favor de mandar-me, e ainda mais por me ter proporcionado o ensejo de ler a edificante biographia do celebre fundador do Methodismo. Taes livros não se lêem sem proveito e melhores sentimentos na alma. O author tem razão quando diz que a propaganda evangelica de João Wesley contribuiu mais que qualquer outra coisa, para a conservação da Inglaterra do contagio do atheismo e para moderar a sua natureza.

Como as suas maximas são as do Evangelho, o seu progresso pode ser attribuido unicamente á sua energia prodigiosa e o encanto da sua prègação.

Oxalá que todas as gerações e todas as egrejas tivessem taes ministros, abundando na fê, no zelo, e dedicacão religiosa. O fogo sagrado arderia sempre entre os povos, e seria a verdadeira defeza contra a corrupção e a decadencia. Aproveito esta occasião para expressar-lhe a minha gratidão pela sua consideracão, e sou,

De v. s.^a

Sincero amigo.

G. Lanza.

Agradecendo-lhe desde já a inserção d'esta correspondencia no seu apreciado periodico.

Sou de V. etc.

Francisco Sciarelli.

Roma, 10 de dezembro de 1878.

Victor Manoel—No dia 8 d'este mez houve missa na igreja dos Congregados pela alma do rei Victor Manoel. Está claro, pois, que um excommungado não só não se torna *preto*, mas somos authorisados pela propria igreja romana a crer que não vae para o inferno, e que, mediante certas sommas de dinheiro pagas aos padres da mesma, ha tanta certeza de entrar no ceo como no caso d'um filho fiel da igreja, pois não podemos suppôr que os celebrantes da missa acceitariam dinheiro se o caso fosse differente.

Zelo romanista—Na freguezia de Oliveira do Douro ha uma familia que ha annos acceitou e professou o puro Evangelho de N. S. Jesus Christo. O chefe d'esta familia ganha quando mais 260 reis por dia, e por este facto poderá avaliar-se a força da tentação que lhe apresentam os representantes do Romanismo n'essa freguezia, os quaes o apoquentam com offertas de 600 reis diarios e outras vantagens para si e para a sua familia com a condição expressa de abandonarem o Evangelho. Tanto o marido como a mulher, contentes com o seu modesto ganho e a graça do Senhor, tem resistido a estas mundanas considerações, mas é altamente censuravel este indigno procedimento d'aquelles que não os podendo convencer pela palavra de Deus appellam á pobreza com tam fortes incentivos. Bom será que a *Palavra*, em logar de nos calumniar dizendo que compramos os conversos, trate de pôr termo a este e outros taes escandalos, que nada honram a religião que defende.

Talvez pedimos o impossivel, visto estar consignado no Apocalypse que o trafico em «almas de homens» continuará em Roma, «a grande cidade de Babilonia», até o momento da sua final ruina. (Cap. XVIII. v. 13)

ANNUNCIOS

A REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

Redacção e administração, Rua da Boa-Vista, 497

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo d'assignatura — (paga adiantada) Anno 240, semestre 120 reis: para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º anno: para a cidade custa 240 reis, e para as provincias 250.

É agente da REFORMA em Lisboa o Ill.º snr. José Alberto Santos de Carvalho—calçada do Cascão n.º 5—2.º.

Acha-se tambem á venda na mesma cidade, nos dias immediatos ao da publicação, em casa do Ill.º snr. Alexandre José Alves, rua de S. Berna do n.º 23, loja de mercearia.

CULTOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco—Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 6 1/2 da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA—Logar do Torne ao pé do tunel—Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA—Egreja presbyteriana, Rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart. Cultos inglezes—Todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

Na mesma egreja, Ministro, o snr. Manoel dos Santos Carvalho. Cultos portuguezes—Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 4 da tarde, e todas as quintas-feiras ás 7 da noite.

Aula biblica todos os domingos ás 3 da tarde e terça-feira ás 7 da noite.—Na rua de S. Miguel á Estrella 85, 3.º, culto todos os domingos ás 7 da noite. Na calçada do Cascão 5, 2.º, todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 da tarde. No largo de Santa Barbara, Arroios 24, loja, todas as sextas-feiras ás 7 da noite.

Egreja Evangelica, rua da Conceição á Praça das Flores, ministro rev. Henrique Ribeiro Ferreira d'Albuquerque. Cultos todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Eschola dominical ás 10 horas da manhã. Collegio diario, gratuito, para meninos e meninas.

PADRE GUILHERME DIAS

Sermão recitado na inauguração da abertura da capella evangelica methodista portugueza. Preço 120 reis.

Restam ainda alguns exemplares, os quaes se acham á venda n'esta redacção, e nas capellas da cidade e Villa Nova, todos os dias, excepto aos domingos. Remette-se para as provincias franco de porte.

DEPOSITO DE TRATADOS E LIVROS

LISBOA, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

- Lucilia ou a inspiração das Escripuras, 324 pag.—100 reis.
 Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.
 A joven aldeana, 48 pag.—40 reis.
 Vinde a Jesus, 64 pag.—40 reis.
 Textos Biblicos, 187 pag.—300 reis.
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.
 Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.
 Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.
 O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.
 O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.
 O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.
 Um homem que matava os seus visinhos, 23 pag.—30 reis.
 Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.
 André Dunn, 77 pag.—40 reis.
 Hymnos portuguezes (1 vol. encadernado), 215 pag.—100 reis.
 Devocionarios, 30 pag.—20 reis.
 Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.
 Como devemos entender a Biblia Sagrada? 15 pag.—10reis.
 O menino da Matta, 32 pag.—30 reis.
 Jessica, 43 pag.—40 reis.
 O padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.
 A doutrina da Egreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.
 Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.
 Sou Christão? Como o posso saber? 92 pag.—60 reis.
 O que é um sacramento, 44 pag.—30 reis.
 O culto domestico, 48 pag.—20 reis.
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—30 reis.
 Luz do Céu, 126. pag.—60 reis.
 O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.
 Como lês tu? 46 pag.—30 reis.
 O Culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.
 O Vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.
 A Chamada.—A folha ensanguentada, 24 pag.—20 reis.
 Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.
 Um livro maravilhoso, 12 pag.—10 reis.
 O amor de Deus, 8 pag.—10 reis.
 Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.
 Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.
 Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—50 reis.
 «O Amigo da Infancia», sae cada mez 10 reis, (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis.
 Um sortimento de livros em inglez de varios preços.
 Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.
 Do valor de 100 reis para cima, expedem-se estas publicações franco de porte.

Depositos onde se acham á venda as Sagradas Escripuras

LISBOA—Janellas Verdes N.º 28.

PORTO—Egreja Fvangelica, Largo do Cororel Pacheco.

MADEIRA—Rua da Queimada de Cima, 50.

N'es es depositos encontram-se as Sagradas Escripuras em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originas Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalms, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros, com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

Porto-1879—Typographia de Fraga Lamares & C.ª

12—Rua de S. João Novo—12